

Extensões e limites entre os campos do tratar e do educar, um estudo de caso

Fernanda Serpeloni Henning
Manoel Tosta Berlinck

34

Este trabalho parte da experiência pessoal da autora como educadora em uma instituição de educação especial. A prática institucional com crianças e jovens com graves comprometimentos orgânicos e psíquicos evidencia que as fronteiras entre o tratar e o educar não são rigidamente delimitadas. Precisar a extensão e os limites desses campos se faz necessário para que nos amparemos menos em um enquadramento imaginário, permitindo-nos identificar as finalidades educativas e o que orienta a intervenção do educador. A partir de um recorte da experiência com um jovem de 18 anos em uma instituição de educação especial, serão levantados elementos que permitam elucidar a direção do trabalho do educador. No caso, João guiou a educadora em sua visita aos jogos simbólicos, revelando uma prática que se localiza entre o tratar e o educar.

Palavras-chave: Psicanálise, educação, jogos simbólicos

No cotidiano de uma instituição de educação especial, o educador depara-se com situações diversas, desde trocar uma fralda até acompanhar um aluno em surto psicótico. As intervenções não ocorrem apenas nas “oficinas educacionais-terapêuticas”,¹ que são atividades planejadas e promovidas diariamente na instituição. As intervenções ocorrem também na hora do lanche, no horário de entrada e de saída, no uso do banheiro, enfim, em todos os momentos nos quais as crianças e jovens se encontram na instituição.

Diante desse contexto, destacamos uma pergunta: como intervém o educador? Essa questão revela desdobramentos ao conjugar, na prática, o tratar e o educar. Para analisar os campos – tendo como referência o método clínico, visando colocar em palavras o *pathos* psíquico e privilegiando a singularidade de cada caso (Berlinck, 2000) –, partimos da experiência em uma instituição de educação especial com um jovem de 18 anos, a quem nos referimos como João.

João, portador da síndrome de Angelman, apresentava graves comprometimentos orgânicos característicos dessa síndrome, como, por exemplo, ausência da fala, comprometimentos no desenvolvimento neuropsicomotor e deficiência intelectual.

Na prática foi possível observar que João apresentava dificuldades no estabelecimento do laço social, recusando a aproximação de outras pessoas, bem como sua própria permanência em um grupo.

Uma das coisas mais intrigantes era o fato de João permanecer durante toda a tarde no balanço de pneu localizado no pátio da instituição. Algumas vezes parecia observar o movimento das pessoas; outras, permanecia com o olhar perdido, dedos na boca, sendo embalado pelo balanço, como se este pudesse ser um lugar habitável.

Nas primeiras tentativas de contato, João parecia ignorar a presença da educadora, ou então, quando esta se aproximava, João sorria e se virava de costas – sentado no balanço de pneu. Era frequente ele se virar de costas

1. Como eram chamadas as oficinas realizadas na instituição de educação especial, onde a prática com João foi desenvolvida.

quando uma pessoa se aproximava, como uma demanda de ausentificação. Quando o olhar e o corpo se direcionavam para o mesmo objeto vinha a tentativa de excluir o outro, fosse com um arranhão, uma mordida, ou um puxão de cabelo.

Parecia ser difícil para João separar-se da mãe e permanecer na instituição. Ao entrar na instituição, costumava dirigir-se diretamente para o balanço. Ao deixar o balanço, dava a impressão de um transbordamento pulsional, andando como um “furacão” pela instituição, como se, na ausência da borda do pneu, a pulsão estivesse sem endereçamento. A primeira hipótese que fora levantada era a de que, provavelmente, o pneu funcionasse como uma espécie de borda para João, como um contorno corporal.

Nas andanças de João pela instituição frequentemente ia às janelas que davam para o estacionamento, costumava emitir vocalizações que pareciam um choro sem lágrimas acompanhado de gritos. João não parecia reagir à voz da educadora; nem sequer movia a cabeça quando algum barulho muito alto ressoava em seu ouvido.

De janela em janela, a educadora passou a dar “tchau” para a mãe de João, e perguntou se ele também não gostaria de se despedir dela. João passou a segurar a mão da educadora que acenava para se despedir, realizando o gesto, posteriormente, sem mais se servir da mão da educadora. Isto foi repetido por diversos dias. Esse jogo possibilitou, de alguma forma, que a educadora entrasse na circulação desse jovem, sendo estabelecido um jogo de dar “tchau”, jogo que não podia ser jogado sozinho. A educadora sustenta a cena ao realizar a leitura do “abandar as mãos” como um sinal que pertence à cultura, significando-o como “tchau”. Autenticando, por sua vez, que ali era possível reconhecer uma mensagem dirigida ao outro. Dessa forma, a educadora não foi posicionada como excluída, sustentando uma insígnia bem primordial, que poderia marcar a ausência da mãe. É interessante notar que João passou a visitar todas as janelas das salas da instituição, justamente um ponto que marcava uma borda entre o dentro e o fora. Uma borda que permitia a entrada do olhar e não do corpo.

Foram desenvolvidos inúmeros outros jogos, por meio dos quais João pôde colocar em série marcas que remetem ao início da inscrição no simbólico, traços que dizem respeito à presença e à ausência; o que permitiu, em certa medida, que João se posicionasse mais tolerante no encontro com o outro. Nesse sentido podemos pensar nos efeitos terapêuticos que a prática revelou. Os jogos de João estavam distantes de constituir um *Fort-da*, uma vez que ele colocou em cena justamente a construção de um corpo imaginário, o que estava em série eram as primeiras inscrições no simbólico, e não a apreensão deste.

Psicanálise e educação

O processo educativo, à luz da psicanálise, refere-se à constituição do eu. Ciaccia (1997) ressalta que se trata de uma operação que se apoia na identificação, a qual permite à criança proteger-se do gozo que escapa ao significante. Já no dispositivo analítico, no caso da neurose, a operação em curso não é a constituição do eu, ao contrário, ela tende justamente a desnudar, para além da cadeia significante, esta falta de significante à qual se reduz o sujeito. O processo educativo vai em direção da constituição do eu e o processo analítico visaria ao sujeito, no acionamento da divisão subjetiva. Neste sentido, fica claro que uma prática não substitui a outra, implicando posições diferentes daquele que se ocupa com cada um desses ofícios.

O caso de crianças e jovens autistas e psicóticos faz vacilar essas afirmações. A partir de uma imposição clínica, tanto a psicanálise quanto a educação precisam rever suas posições: “A análise clássica tem de sofrer reformulações, ali onde há sujeito numa análise de neuróticos, depara-se com um objeto que coloca o analista no lugar de sujeito onipotente” (Petri, 2003, p. 93). Nesse caso, uma análise teria papel de construção, de oferta significante, de instalação do simbólico: “(...) o que está do lado da educação, pensando na clínica de neuróticos. A educação, por sua vez, precisaria abrir mão de seus ideais se quisesse se ocupar destas crianças” (Ibid., p. 94).

Ciaccia (1997) aponta que, nesses casos, haveria necessidade de um trabalho preliminar que não seria da ordem da análise, e sim do lado da educação, considerada uma operação terapêutica, pois oferece a possibilidade à criança e ao jovem de se servir da identificação para se defender do gozo. Trata-se de fazer a criança entrar na ordem significante.

Trazer a questão da educação para ser pensada no campo da psicanálise implica considerar o próprio processo civilizatório, a satisfação individual e os interesses da cultura. O tema da educação em Freud esteve intimamente ligado à questão da civilização. No texto “O mal-estar na civilização”, vê-se mais claramente como Freud (1930/1996) constrói a ligação entre o processo educativo do indivíduo e o desenvolvimento da civilização: “(...) devemos concluir, sem muita hesitação, que os dois apontam uma natureza muito semelhante, caso não sejam o mesmo processo aplicado a tipos diferentes de objeto” (p. 142). Em outro trecho, Freud ressalta a semelhança entre os objetivos de ambos os processos (educativo e civilizatório, respectivamente): “(...) num dos casos, a integração de um indivíduo isolado num grupo humano; no outro, a criação de um grupo unificado a partir de muitos indivíduos” (Ibid., p. 142).

Jacqy Chemouni (1988) oferece contribuições que trazem esclarecimentos sobre os enlaces entre psicanálise e educação na obra de Freud. O autor parte

principalmente de dois textos para realizar a sua análise: “Introdução a *The Psycho-Analytic Method*, de Pfister” (1913) e “Prefácio à juventude desorientada, de Aichhorn” (1925). Ele afirma que Freud, mesmo sem ter enunciado claramente, aponta para a distinção entre educação e educação especializada. A educação refere-se ao desenvolvimento mais harmonioso possível da criança, tarefa realizada pelos pais e substitutos. Já a educação especializada seria da ordem da reeducação, pois se ocupa de crianças e adolescentes que apresentam problemas graves e que por isso necessitam de uma relação terapêutica.

A dimensão terapêutica é o centro do trabalho do educador especializado, que consiste em reeducação, uma vez que ele intervém em uma educação considerada fracassada, ou que tenha produzido efeitos patogênicos. Educação da forma como temos abordado, à luz da psicanálise, enquanto fundamental para a constituição subjetiva.

Dessa forma, o trabalho com jovens que exibem graves comprometimentos subjetivos e uma relação primitiva com o simbólico em uma instituição de educação especial coloca em evidência a insuficiência de métodos fechados, o que convoca à revisão do enquadre educativo em relação aos seus ideais. Alguns profissionais especializados, ao se depararem com um corpo que apresenta uma marca “deficitária” em relação ao padrão tido como “normal”, tendem a investir a sua prática num complexo de técnicas de estimulação especial, de modo que a técnica entra em cena para obturar uma falha no desenvolvimento. A psicanálise pode auxiliar o educador a evitar um trabalho totalizador, privilegiando a singularidade em detrimento de um ideal. A educação de jovens com comprometimentos psíquicos, nas palavras de Araújo (2008):

(...) vem ganhando, ultimamente, contornos terapêuticos, enfocando-se cada ato educativo no sujeito, buscando formas para que o aluno possa “se dizer”, indo muito além de qualquer adaptação, de métodos fechados e conteúdos previamente definidos. O que se busca, portanto, numa prática educacional atravessada pela psicanálise (...) está além de aprendizagens formais de conteúdos. A escuta e a intervenção (...) passam a privilegiar as diferentes formas de expressão do aluno, tomado em sua singularidade e convidado a participar de forma mais efetiva da vida cotidiana. (p. 4)

O que se busca em uma prática educativa atravessada pela psicanálise é a possibilidade de se estabelecer um laço social como aquilo que permite ao sujeito fazer vínculo com a cultura, com o simbólico. Não há um resultado definido *a priori* que deva ser alcançado, trata-se de oferecer um suporte para que o sujeito possa se manifestar nas ações e produções de cada um. Trata-se de um trabalho que opera do lado da constituição subjetiva.

No enlace entre o tratar e o educar, entendemos que a prática institucional pode exibir dispositivos que ofereçam possibilidade ao sujeito de realizar um

vínculo com a cultura. As intervenções ocorrem de forma espontânea e só podem ser avaliadas posteriormente. Contudo, não se trata de qualquer intervenção, o que revela a necessidade do exercício de criação de dispositivos institucionais mais coerentes com os fenômenos clínicos da psicose.

As articulações entre tratamento, psicanálise e educação, em instituições que acolhem casos de psicose, contam com um percurso como o de Mannoni, em Bonneuil na França, e de autores contemporâneos que partem da experiência em instituições como Le Courtil e Antenne 110, na Bélgica, e o Lugar de Vida, em São Paulo.² São produções que longe de funcionar como um modelo a ser seguido trazem inspiração para o trabalho institucional com a psicose.

A instituição que João frequentava revelava um percurso na articulação entre psicanálise e educação, visando o enlace entre tratamento e escolarização. Diariamente ocorriam as oficinas educacionais-terapêuticas. O tema das oficinas (artes, música, culinária, etc.) era escolhido pelos educadores, a partir de um desejo particular. Este desejo seria a condição inicial para o desenrolar das oficinas; havendo uma espécie de “empréstimo” do desejo, na aposta de que, a partir desta oferta, o educando pudesse se engajar em alguma das atividades.

De acordo com Ciaccia e Baio (1995), o educador está lá para que haja encontros: ao estar ocupado com os afazeres do cotidiano ou com os ateliês, pode manifestar a marca de um desejo próprio. O encontro pode acontecer à medida que a criança ou o jovem podem aceitar ser destinatário desse desejo particular.

Esses encontros não acontecem por previsão. Trata-se de um trabalho que comporta o inesperado, a surpresa, estando o educador disponível para o encontro. Ao reservar um espaço para a surpresa não há uma resposta ideal. Nesse sentido, o desejo do educador é um desejo prevenido em relação ao impossível, balizado por uma ética, uma vez que sabe que não pode fazer cumprir o ideal.

No caso de João, alguns dos encontros ocorreram nos jogos simbólicos. A educadora deixou-se guiar por João na sua aventura pelas bordas. Na prática, a educadora apresenta-se sem um saber sobre o outro, acompanhando João em sua circulação nos espaços da instituição. Há um querer saber mais sobre o jovem, sobre as suas inscrições significantes, sobre o que está em jogo nas suas andanças pelas bordas, tomando as suas ações como um ato de valor de um sujeito. No primeiro jogo de dar tchau, por exemplo, houve um ato posto, educativo, se assim é possível afirmar, ou seja, no momento que a educadora diz tchau para a mãe

2. Sobre estas instituições ver o trabalho de Petri, R. (2003) *Psicanálise e educação no tratamento da psicose infantil: quatro experiências institucionais*. São Paulo: Annablume.

de João e acena com a própria mão oferece uma significação – “tchau” – que marca a ausência da mãe.

A intervenção do educador: entre o tratar e o educar

Estar entre o tratar e o educar aponta para intervenções que oscilam entre uma medida educativa que não visa o sujeito – mas que pode atingi-lo – como, por exemplo, retirar João de uma oficina quando ele belisca o braço de uma garota – e intervenções que o tem como foco, no sentido de sustentar e reconhecer qualquer tentativa de elaboração deste como solução original que venha a fazer suplência no lugar da ausência da metáfora paterna. Em outras palavras, uma intervenção que considere a singularidade do caso, das marcas e inscrições que o jovem apresenta – como acompanhar João na sua circulação pela instituição – na aposta de que ali havia a possibilidade de um dizer.

Nessa última intervenção, levando em conta o interesse de João na tentativa de promover deslocamentos, a educadora o acompanha nesse movimento. Primeiramente, João acenava para a janela do estacionamento vazio, o que foi entendido como o que poderia marcar a ausência da mãe. Depois, passou a dar tchau, das janelas das salas, para as outras pessoas que estavam lá dentro (do estacionamento). Tal gesto tornou-se uma marca reconhecida por todos na instituição e a equipe autenticava a mensagem respondendo com outro aceno. Com isso, João se dirigia para outra janela. Fazia esse percurso até ter percorrido todas as salas da instituição. Esse movimento aconteceu até o dia em que deu tchau para a educadora e entrou sozinho em uma das salas, participando de uma oficina de pintura. João passou a se interessar pelo que acontecia nas oficinas, e fez parte de algumas. Ele passou a entrar nas oficinas e a dirigir seu olhar para o que lá estava acontecendo, diferentemente de quando se virava de costas para todos e se colocava a observar, pela janela, o movimento do lado de fora.

Vorcaro (2002) situa o jogo como fundamento da educação, uma vez que se trata da própria prática da linguagem, responsável pelo efeito sujeito: “Jogar é operar um sistema de trocas, é prática de linguagem” (p. 39). A partir do jogo, é possível distinguir a inscrição do sujeito no campo do simbólico.

A dificuldade é a de reconhecer na atividade de uma criança ou jovem a lógica de um jogo. Assim, se o educador se deixa guiar pelos jogos pode colher os pontos e as modalidades de articulação pelas quais o simbólico toma o corpo. Por meio da psicanálise é possível:

(...) depreender seu (da criança) método de jogo e assim distinguir as vias pelas quais uma direção de edificação subjetiva pôde ser desdobrada, retirando-a de

uma apreensão impossível, para uma abordagem a partir de sua lógica própria.” (Vorcaro, *Ibid.*, p. 44).

Neste trabalho, pode-se considerar que os jogos foram paradigmáticos para uma prática entre as bordas do tratar e do educar, no caso de um jovem que apresentava um quadro psíquico de autismo, enquanto possibilidade de passar da vertente do gozo para a vertente significante.

O trabalho em instituição não se trata de uma análise, o educador não ocupa a posição de analista. Estar entre o tratar e o educar implica uma operação educativa que pode trazer efeitos terapêuticos. Implica visar a interpelar o sujeito, diferentemente do que ocorre na pedagogia. Implica, também, se deixar guiar por esse sujeito. Nesse sentido, entra em jogo a transferência, que se dá inicialmente do lado do educador em relação ao jovem, ao apostar que o sujeito sabe algo sobre o seu desejo, ou ainda sobre os significantes que marcaram a sua história.

Entende-se que o esclarecimento daquilo que está em jogo na estruturação do sujeito pode fazer diferença na direção da prática educativa. Nesse caso, João precisou visitar os jogos de borda, o que não constitui regra para o trabalho em instituições que se ocupam do tratamento e da educação de jovens psicóticos. João guiou a educadora na sua aventura pelas bordas, mostrou uma brecha para a possibilidade de laço, uma possibilidade para sair da apatia, permitindo a entrada do novo. Há casos nos quais os comprometimentos orgânicos são tão graves que fica difícil para o educador realizar uma leitura. Contudo, se não há uma aposta no sujeito, o que resta é a síndrome.

Referências

ARAÚJO, F.B. de. (2008). A (im)possibilidade educativa na psicose. In: Anais do III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, 2008, Niterói, RJ. Disponível em: <<http://www.psicopatologiafundamental.org/?s=90&c=561>>. Acesso em: 1.2.2009.

BERLINCK, M.T. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.

CHEMOUNI, J. Freud entre l'éducation et l'éducation spécialisée: la psychanalyse hors la loi. *Frénésie, Hist. Psychiat. Psychanal.*, v. II, n. 6, p. 199-218, 1988.

CIACCIA, A. di. Da pedagogia à psicanálise. *Estilos da clínica*, ano II, n. 2, p. 18-26, 1997.

CIACCIA, A. di; BAILO, V. Le voile et le manque. *Revue Internationale de Santé Mentale et Psychanalyse Appliquée*, n. 1, p. 39-67, 1995.

FREUD, S. (1913). Introdução a The Psycho-Analytic Method, de Pfister. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 12.

_____. (1925). Prefácio à juventude desorientada, de Aichhorn. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19.

_____. (1930). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21.

PETRI, R. *Psicanálise e educação no tratamento da psicose infantil: quatro experiências institucionais*. São Paulo: Annablume, 2003.

VORCARO, A.M.R. O jogo. Ou o ponto de imbricação entre educação, psicanálise e linguística. Anais do 3º Colóquio do LEPSI IP/FE-USP, n. 3, p. 37-44, São Paulo.

Resumos

42

This article arose from the author's experience as an educator at an institution of special education. Institutional practices with children and young adults with problems of physical handicaps or psychic constitution show how the boundaries between treating and educating are not rigidly defined. The extent and limits between these fields must be more clearly delineated so that practice will be based less on imaginary classifications, thus making it possible to identify the educational goals that guide educators' interventions. Based on experience with an 18-year-old male patient in an institution of special education, certain elements are brought up here that allow us to elucidate in what directions educators should work. In this case, the young man guided the educator in his visit to symbolic games and revealed a practice that is located somewhere between treating and educating.

Key words: Psychoanalysis, education, symbolic games

Ce travail est basé sur notre expérience comme éducatrice dans un institut d'éducation spéciale. La pratique institutionnelle avec des enfants et des jeunes souffrant de troubles physiques et mentaux sévères indique que les limites entre le traitement et l'éducation ne sont pas strictement délimitées. Il faut définir nettement l'extension et les limites de ces domaines pour se détacher graduellement d'un encadrement imaginaire, pour pouvoir identifier les buts éducatifs et ce qui guide l'intervention de l'éducateur. Nous avons recueillis des éléments à partir de l'expérience vécue avec un jeune homme de 18 ans dans une institution d'éducation spéciale qui permettent d'élucider la ligne de travail de l'éducateur. Dans ce cas, João a guidé l'éducatrice pendant sa visite aux

jeux symboliques, ce qui révèle une pratique qui se situe entre le traitement et l'éducation.

Mots clés: Psychanalyse, éducation, jeux symboliques

Este trabajo se construye a partir de la experiencia como educadora en una institución de educación especial. La práctica institucional con niños y jóvenes con graves compromisos orgánicos y psíquicos evidencia que las fronteras entre el tratar y el educar no son delimitadas con rigidez. Precisar la extensión y los límites de estos campos se hace necesario para apoyarse menos en un encuadramiento imaginario, permitiendo identificar las finalidades educativas y lo que orienta la intervención del educador. A partir de un recorte de la experiencia con un joven de 18 años en una institución de educación especial, serán levantados elementos que permitan elucidar la dirección del trabajo del educador. En el caso, João guió la educadora en su visita a los juegos simbólicos, revelando una práctica que está ubicada entre el tratar y el educar.

Palabras claves: Psicoanálisis, educación, juegos simbólicos

Citação/Citation: Henning, F. S. & Berlinck, M. T. Extensões e limites entre os campos do tratar e do educar, um estudo de caso. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 34-44, maio de 2010.

Editores do artigo/Editors: Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro, Profa. Dra. Junia de Vilhena e Profa. Dra. Ana Cecilia Magtaz.

Recebido/Received: 19.10.2009/10.19.2009 **Aceito/Accepted:** 18.01.2010/01.18.2010

Copyright: © 2010 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

Financiamento/Funding: Os autores declaram não ter sido financiados ou apoiados/The authors have no support of funding to report.

Conflito de interesses/Conflict of interest: Os autores declaram que não há conflito de interesse/The authors declare that they have no conflict of interest.

FERNANDA SERPELONI HENNING

Psicóloga; psicanalista; mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (São Paulo, SP, Brasil).

Rua Júlio Eduardo Gineste, 1200

80310-410 Curitiba, PR, Brasil

e-mail: ferserpeloni@hotmail.com

MANOEL TOSTA BERLINCK

Sociólogo, psicanalista, Ph.D. (Cornell University, Ithaca, N.Y., USA); Professor Titular da Universidade Estadual de Campinas (1972-1992) – Unicamp (Campinas, SP, Brasil); Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (São Paulo, SP, Brasil), onde dirige o Laboratório de Psicopatologia Fundamental; presidente da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental – AUPPF (2002 – 2010); Diretor da Editora Escuta (1986-2009); Diretor da Livraria Pulsional (1986-2009); consultor editorial; editor responsável da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*; membro da World Association of Medical Editors – WAME (Associação Mundial de Editores Médicos); autor de *Psicopatologia Fundamental* (2000) e de *Erotomania* com German E. Berrios (2009), entre outros livros e numerosos artigos.

Rua Tupi, 397 – 10º andar – sala 103

01233-001 São Paulo, SP, Brasil

e-mail: mtberlin@uol.com.br